

Editorial

O DIA D
DA GRÉCIA

Os bancos permaneceram fechados, ontem, na Grécia, podendo continuar assim até o fim da semana, como meio de o governo controlar o movimento de capitais. Permitiram apenas que os aposentados tirassem algum dinheiro nos caixas eletrônicos.

A Grécia tem que pagar hoje uma dívida de € 1,6 bilhão ao FMI. Se não fizer isso, por não ter o dinheiro, estará aplicando um calote – sempre ameaçado, mas nunca executado –, em seus credores, sobretudo em bancos alemães e franceses.

Se isso acontecer, a Grécia pode deixar o bloco do euro, embora isso não esteja previsto no estatuto da União Europeia. O país não terá mais acesso ao mercado internacional de capitais, apesar de ter a garantia de ajuda do Banco Central Europeu.

A UE, o BCE e o FMI exigem do governo grego a adoção de um plano de austeridade fiscal, com redução do orçamento do Estado. Na perspectiva do governo atual, de esquerda, esse plano vai empobrecer ainda mais a população, aumentando o desemprego.

O governo colocou a decisão nas mãos da população, por meio de um referendo a se realizar no próximo dia 5. Os cidadãos terão de aceitar ou não as medidas de austeridade. Se a favor, os gregos receberão uma ajuda de € 15,5 bilhões.

A falência da Grécia põe em risco a moeda europeia, afetando todas as economias, inclusive a norte-americana. Espanha e Portugal, que também enfrentam problemas, seriam contagiados imediatamente. As consequências são difíceis de serem previstas.

O governo acusa a UE e seus antecessores, sociais-democratas e conservadores, de provocar a ruína do país. Gastos excessivos cometidos por dirigentes irresponsáveis causaram um endividamento que hoje o Estado não tem mais condições de suportar.

A situação na Grécia tem muitos pontos em comum com a do Brasil. Eles estão a nossa frente.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Política: Ricardo Corrêa
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke



DUKE

www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

A cara fascista da intolerância
religiosa de matriz cristã

O Deus dos cristãos é o mesmo; o que muda é a prática.

O cristianismo é uma religião monoteísta, e o Deus dos cristãos é o mesmo. O que muda é a prática de seitas e igrejas, sejam católicas ou evangélicas – tradicionais ou neopentecostais. Muda tanto que dá a impressão de que cultuam deuses diferentes. Uns até dizem “meu Deus é o Deus da palavra”.

Cada facção cristã diz deter o monopólio da verdade. Não é apenas complexo, é também complicado, porém respeito a opção religiosa de qualquer pessoa, que considero algo da intimidade de quem crê.

Jamais sou omissa quando algum credo se acha no direito de ser “espada do mundo”, “medida do tamanho” e tem a arrogância de medir as pessoas pela fita métrica de sua fé e deseja que as leis de um país laico reflitam a agenda moral de sua religião.

“O fundamentalismo religioso está presente em diferentes doutrinas. Na tradição guerreira dos filhos de Abraão – judeus, cristãos e muçulmanos –, as vertentes fundamentalistas se sustentam na convicção tribal de serem, cada um desses, o povo escolhido, presenteado com a revelação de um único e verdadeiro Deus” (campanha “Contra os fundamentalismos, o fundamental é a gente!”).

Há facções cristãs que aspiram a viver numa teocracia e tentam, até pela violência letal, obrigar (eu disse obrigar, e não convencer!) que todos professem a sua fé! São desejos de ares fascistas e misóginos que tentam solapar a democracia, impondo uma agenda moral centrada nos corpos das mulheres.

Não importa a matriz, o fundamentalismo religioso é oposição à liberdade. Portanto, deve ser sistematicamente

combatido por quem ama a liberdade bem versejada pelo poeta Paul Éluard (1895-1952): “Nos meus cadernos de escola/ Sobre a carteira nas árvores/ Sobre a neve sobre a areia/ Grifo teu nome.../ E pelo poder de um nome/ Começo a viver de fato/ Nasci pra te conhecer/ E te chamar/ liberdade”.

O ódio do fundamentalismo religioso à liberdade deságua em crimes como o apedrejamento de uma menina de 11 anos, Kailane Campos, no Rio de Janeiro, quando se dirigia a uma casa de candomblé; na angústia da ialorixá baiana

Não importa a matriz, o fundamentalismo religioso é oposição à liberdade.

Portanto, deve ser sistematicamente combatido.

mãe Dede de Iansã (Mildreles Dias Ferreira), 90, fulminada por um infarto após uma noite inteira ouvindo ofensas na porta de sua casa; e é também o que move cristãos na perseguição às religiões de matriz africana, queimando seus templos e expulsando seus fiéis dos lugares onde vivem.

Há notícias sobre pastores evangélicos presos por tráfico de armas e de “traficantes evangélicos” que não apenas expulsam de favelas adeptos do candomblé, mas ainda têm a pachorra de proibir o uso de roupa branca nos territórios que controlam!

É patente que não combina com o “Deus da palavra” ser um pastor trafican-

te de armas ou um evangélico traficante de drogas, pois são farsas que usam o nome de Deus como disfarce e dão margem a que indagamos: não se faz mais protestante como antigamente, gente de vida limpa, honrada e exemplar?

Merece estudos sociológicos a intolerância religiosa dos bandidos evangélicos, que, tal qual a dos evangélicos ditos do “bem”, caminha de braços dados com a sede de mando nos Três Poderes da República: Legislativo, Executivo e Judiciário – já são perceptíveis juízes que pautam suas sentenças pela Bíblia!

A intolerância religiosa de facções evangélicas, que se pautam pela teologia da prosperidade no Brasil, a rigor, virou caso de polícia há muito tempo, e as autoridades não estão nem aí, desrespeitando o republicanismo e permitindo o fortalecimento de uma guerra religiosa que nem é em nome de Deus, mas de uma agenda moral.

DUKE

